

DATA: 03 9 68

Alduízio conta tortura em bilhete

O estudante Alduízio Moreira de Sousa se encontrava no Hospital Distrital da Brasília, em estado de choque desde uma febre, quando a polícia invadiu a tiros a Universidade de Brasília, revelou, ontem, antes de ser transferido para a residência de seus pais em Uberaba. As torturas morais e físicas a que foi submetido pelo delegado Lincoln e pelo agente Ivan, do DOPS.

Segundo o bilhete escrito por Alduízio, ele foi preso no dia 20 de agosto. Passou toda a noite dessa dia dormindo no cimento frio, sem nenhum agasalho. "No dia 21 foi transferido para a Segunda DP, da Asa Norte". "Às 18h30m do dia 21 foi retirado, algemado juntamente com o estudante Fernando Sarmento, da Guanabara e levado para um matagal localizado a 60 quilômetros de Brasília, na Estrada de Belo Horizonte, depois de um posto Atlantic, onde existe uma placa com os dizeres: "Brasília a 50 km".

O delegado Lincoln e o agente Ivan haviam afirmado durante o percurso que "eram do Exército, depois disseram que eram da DOPS". No local esboçado pelos policiais, Alduízio foi retratado "para o meio do cerrado e ameaçado de ser afogado em um rio". De acordo com a nota distribuída à imprensa, Alduízio foi também ameaçado pelo delegado Lincoln e o agente Ivan "de ser puxado

com uma corda amarrada em seus órgãos genitais e de ser fuzilado".

Continua a nota dizendo que foi praticado tiro no alvo pelos policiais em volta de seu corpo". As torturas começaram a partir das 18h30m, quando Alduízio e Fernando Sarmento foram retirados da Delegacia, pelos dois agentes e "duraram até por volta das 24 horas, sendo depois conduzidos de volta, sendo ainda ameaçado de ser afogado no lago".

De regresso à DP foi algemado juntamente com Fernando Sarmento, sem alimentação, e para a noite numa cela fazendo ginástica para suportar o frio. Dia 22 foi transferido para o Exército onde por estar passando mal, pediu um médico, e depois "foi colocado incomunicável numa cela da Bateria do BGP".

Dois dias antes da invasão da Universidade Alduízio fora posto em liberdade sem a menor explicação. Falando ontem na Câmara o Deputado Erasmo Martins Pedra disse que o estu-

dante Alduízio Moreira está gravemente traumatizado e fez uma síntese do diagnóstico médico: "paciente submetido a condições extremamente neuróticas em todas as áreas do psiquismo. O fato pode levar a uma situação psicótica e desreguladora do equilíbrio da personalidade. Dificilmente jovem normal poderá suportar sem consequências desastrosas futuras uma vivência de feição dramática em intensidade".

"Que é, ou quem são os responsáveis por tudo isto? Pergunta o Sr. Erasmo Martins, e acrescenta: "O Governo precisa dizer: a Nação quer saber. Mas quer saber já, e quer já a exemplar punição de tais monstros. As mães, esposas e irmãs brasileiras estão indignadas na expectativa dessa exigência", afirmou.

O estudante Alduízio Moreira de Sousa foi ainda ameaçado de que, se contasse alguma coisa, "os urubus iriam encontrá-lo". Os policiais desceram saber de Alduízio, onde estava sendo realizado o Congresso da UNE.

Alduízio já havia cursado o segundo ano de Odontologia, na Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro, em Uberaba, onde entrou em 1965. Este ano transferiu-se para a Universidade de Brasília, onde está cursando o Básico do Instituto Central de Rionegia. Está com 23 anos, nasceu em Uberaba, onde reside sua família.

Clerot no STF para falar com Honestino

O Advogado José Luiz Clerot entrou ontem no Supremo Tribunal Federal com um pedido de liminar numa tentativa de quebra de incomunicabilidade do estudante Honestino Guimarães. Segundo o advogado, o Coronel Murilo Rodrigues está impedindo o acesso do presidente da FCB.

Honestino foi visitado nos últimos dias por Clerot, que afirmou estar o estudante sentindo pequenas dores nos tornozelos e ter algumas lesões no corpo, embora na Bateria Federal, dependente de Cardeiros Antunes, onde está Honestino, o italiano esteja sendo bem tratado.

Honestino passou mal na primeira noite e pediu um médico, o advogado vai pedir habeas corpus e o exame de corpo de delito.

DOIS HABEAS-CORPUS

Clerot entrou, também, ontem, no STF com dois habeas corpus em favor de Honestino Guimarães, que já está em liberdade preventiva. Clerot, que também é advogado, pediu dois habeas corpus: o primeiro em favor de Honestino e o segundo em favor de seu irmão, Luis Galotti.

SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS

Numa assembleia-geral realizada ontem, o Sindicato dos Funcionários da Universidade de Brasília (SINUB) decidiu criar um comitê de luta contra a invasão da UNE, recusando-se a participar da Associação dos Servidores da Universidade, criada pela Reitoria.

TELEGRAMAS DE TONO MÚNDO

A Universidade de Brasília está recebendo centenas de telegramas procedentes de vários Estados e organizações brasileiras, alguns naipes e outros em nome de estudantes, denunciando-se com profecias e alunos vítimas das agressões policiais.

Macarini faz novo protesto

Declarando que o governo não se permitiu a aprovação do projeto de lei de invasão da Universidade de Brasília não teria ocorrido, de vez que a prisão preventiva dos cinco líderes estudantis ocorridos no "campus" universitário seria relevada, o Deputado Paulo Macarini, do MDB-SC, voltou a protestar, ontem, na Câmara, contra as violências praticadas contra estudantes, professores e parlamentares.

Após as violências de Brasília, disse — o governador eleito Nem as tradicionais aulas da Casa Civil e Militar foram divulgadas. Muito menos as lições — comunicadas de gabinete de imprensa. Apenas a tentativa de justificação, numa aula de ofensiva, foi levada a efeito pela Universidade de Brasília, na Casa de representação a maioria da classe política do Parlamento Nacional.

Tiro seria de oficial PM

A bala que atingiu na cabeça o estudante Valdemar Alves da Silva pode ter sido disparada por um oficial da Polícia Militar: a hipótese é baseada no calibre da bala — 45 — que usualmente só oficiais têm autorização para utilizar.

Um estudante que assistiu de perto ao tiroteio, afirmou que a bala veio do segundo andar do Instituto Central de Ciências (ICC), onde se encontravam quatro policiais usando máscaras de gás e revólveres, metralhadora, mosquetão e bombas de gás lacrimogêneo. No momento do tiro só havia no interior do ICC elementos da Polícia Militar, em sua maioria com máscaras.

Mais de uma centena de estudantes, professores e funcionários, entre eles o estudante baleado, estavam debaixo do parapeito do terceiro andar do ICC, quando o tiro disparado de um dos oficiais do segundo andar do edifício. Os policiais entraram atirando de baixo para cima e todos que estavam no parapeito do terceiro andar recuaram neste momento.

Valdemar, antes de recuar, recebeu o tiro, caindo sobre o parapeito, com a mão na cabeça e em seguida correu para o chão. O estudante foi socorrido imediatamente por quatro colegas, que o conduziram para a sala de enfermagem médica, mais próxima do lugar.

Ele foi colocado em cima de uma mesa, sangrando numa área de 12 metros quadrados, que é ligada a um corredor

por uma porta, atrás da qual foram colocadas duas bombas de gás lacrimogêneo pelos policiais.

Professores e alunos que, nesta hora, tentaram tirar o estudante ferido para fora da sala, foram presos e espancados. Depois, um professor de engenharia civil, também coronel reformado, conseguiu colocar Valdemar em seu carro, uma Volkswagen, para conduzi-lo a um hospital. Os policiais impediram sua saída, dizendo para aguardar ordens superiores.

Esses ordens só vieram uma hora depois, a Valdemar acabou sangrando abundantemente durante todo este tempo. O estudante foi ferido aproximadamente às 16,15 horas, e só deu entrada no pronto-socorro do Hospital Distrital às 11,45 horas. O carro do coronel e professor que conduziu o estudante ferido para o HDB só conseguiu sair do campus da Universidade pelos fundos, através da estrada que dá para o lado Cade.

Depois de ficar no comando geral da operação, o Coronel Alzir Nunes Gás, comandante da Polícia Militar de Brasília, esteve presente no campus da UNE, segundo se diz "para apreciar os resultados obtidos com a operação".

Dois dias antes, o coronel esteve na CPI da Câmara que investigava as violências praticadas contra estudantes, onde afirmou que "se os cassinos não fossem suficientes para reprim-

mir manifestações estudantis, não hesitaria recorrer à bala".

Confessou também que um polícia militar, ferido há tempo, num choque com estudantes, estava armado, contrariando ordens do comando da PM. Em virtude das lesões corporais que o soldado sofreu, foi promovido por ato de bravura.

A Polícia Militar usa normalmente o calibre 38 (Taurus), e o Exército o calibre 45 (Colt) e usam às vezes a pistola 7,65, beretas e outros tipos, ao passo que os oficiais do Exército geralmente usam o Schmidt calibre 45.

Os agentes do DOPS não tinham qualquer coisa, está espargida se for preciso, sendo comum encontrar agentes armados de faca, canivete e até pedaco de pau. O normal, no entanto, é um revólver.

Um dos chefes dos choques da PM que invadiram o campus foi um certo Capitão Barbosa, alto, de provavelmente 1,80 metros, meio gordo, que na hora da invasão tirava a máscara e gritava para os soldados: "Atirem para matar".